

**ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS
ACADEMIA REAL MILITAR (1811)
CURSO DE CIÊNCIAS MILITARES**

Josafá Rodrigues da Rocha

**LIÇÕES APRENDIDAS DA BATALHA DE GROZNY DE 11 DE DEZEMBRO DE
1994 A 1 DE JANEIRO DE 1995 PARA A DOCTRINA DE CARROS DE COMBATE
BRASILEIRA**

**Resende
2023**

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DIREITOS AUTORAIS DE NATUREZA
PROFISSIONAL**

TÍTULO DO TRABALHO: LIÇÕES APRENDIDAS DA BATALHA DE GROZNY DE
11 DE DEZEMBRO DE 1994 A 1 DE JANEIRO DE 1995 PARA A DOCTRINA DE
CARROS DE COMBATE BRASILEIRA

AUTOR: JOSAFÁ RODRIGUES DA ROCHA

Este trabalho, nos termos da legislação que resguarda os direitos autorais, é considerado de minha propriedade.

Autorizo o Exército Brasileiro (EB) a utilizar meu trabalho para uso específico no aperfeiçoamento e evolução da Força Terrestre, bem como a divulgá-lo por publicação em periódico da Instituição ou outro veículo de comunicação do Exército.

A Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) poderá fornecer cópia do trabalho mediante ressarcimento das despesas de postagem e reprodução. Caso seja de natureza sigilosa, a cópia somente será fornecida se o pedido for encaminhado por meio de uma organização militar, fazendo-se a necessária anotação do destino no Livro de Registro existente na Biblioteca.

É permitida a transcrição parcial de trechos do trabalho para comentários e citações desde que sejam transcritos os dados bibliográficos dos mesmos, de acordo com a legislação sobre direitos autorais.

A divulgação do trabalho, em outros meios não pertencentes ao Exército, somente pode ser feita com a autorização do autor ou da Direção de Ensino da AMAN.

Resende, 29 de Maio de 2023



Assinatura do Cadete

Dados internacionais de catalogação na fonte

R672 ROCHA, Josafá Rodrigues da

Lições aprendidas da batalha de Grozny de 11 de dezembro de 1994 a 1 de janeiro de 1995 para a doutrina de carros de combate brasileira / Josafá Rodrigues da Rocha – Resende; 2023. 27 p. : il. color. ; 30 cm.

Orientador: Flavio Henrique Pereira Valério
TCC (Graduação em Ciências Militares) - Academia Militar das Agulhas Negras, Resende, 2023.

1. Batalha de Grozny. 2. Carros de combate. 3. Áreas edificadas. 4. Lições aprendidas. I. Título.

CDD: 355

Josafá Rodrigues da Rocha

**LIÇÕES APRENDIDAS DA BATALHA DE GROZNY DE 11 DE DEZEMBRO DE
1994 A 1 DE JANEIRO DE 1995 PARA A DOCTRINA DE CARROS DE COMBATE
BRASILEIRA**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Orientador: Flavio Henrique Pereira Valério

Resende
2023

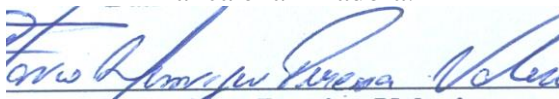
Josafá Rodrigues da Rocha

LIÇÕES APRENDIDAS DA BATALHA DE GROZNY DE 11 DE DEZEMBRO DE 1994 A 1 DE JANEIRO DE 1995 PARA A DOCTRINA DE CARROS DE COMBATE BRASILEIRA

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Aprovado em 21 de agosto de 2023:

Banca examinadora:



Flavio Henrique Pereira Valerio – 1º Ten
(Presidente/Orientador)



Robson Mendes da Silva – 1º Ten



Luis Felipe Gomes de Barros – 1º Ten

Resende
2023

Dedico este trabalho primeiramente à Deus que me guiou durante toda a jornada até o oficialato e aos meus pais que tornaram isso possível por meio de palavras e ações, e sem esquecer-me dos meus irmãos de arma que me apoiaram.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus pela oportunidade de ingressar na AMAN e pelo direcionamento e sabedoria com que me agraciou ao longo desses cinco anos.

À minha família que me apoiou não só na decisão de ingressar na carreira militar, mas também em todas as minhas decisões até aqui.

À minha esposa, que sempre se esforçou para me ajudar nas minhas necessidades e me deu ânimo nos momentos difíceis.

Ao meu orientador, 1º Ten Cav Valério por se empenhar na correção do trabalho e orientação da pesquisa, muitas vezes abrindo mão de horários de descanso em prol da realização deste trabalho.

RESUMO

LIÇÕES APRENDIDAS DA BATALHA DE GROZNY DE 11 DE DEZEMBRO DE 1994 A 1 DE JANEIRO DE 1995 PARA A DOCTRINA DE CARROS DE COMBATE BRASILEIRA

AUTOR: Josafá Rodrigues da Rocha
ORIENTADOR: Flavio Henrique Pereira Valério

Este trabalho tem como objetivo geral analisar as lições aprendidas pelo Exército Russo durante a batalha de Grozny e como elas podem ser aplicadas na doutrina de carros de combate brasileira, especialmente em ambientes urbanos. Os protagonistas do confronto foram as forças russas e chechenas, que lutaram ferozmente pela tomada da cidade de Grozny, capital da Chechênia. Grozny foi particularmente importante no desenvolvimento da doutrina do uso de blindados, pois forneceu um eixo importante sobre a guerra urbana. Durante a batalha, o exército russo enfrentou um desafio inesperado e uma grande resistência dos guerrilheiros chechenos. Isso introduziu novas técnicas, táticas e procedimentos de combate com ênfase em uma abordagem mais cautelosa e adaptativa. O trabalho foi desenvolvido com base em uma revisão bibliográfica e documental sobre a Batalha de Grozny, a doutrina de carros de combate russa e brasileira, além de outras fontes relevantes. O estudo abrangeu a análise das lições aprendidas pelos russos na batalha, com destaque para a utilização de carros de combate em ambientes urbanos e os desafios enfrentados. Com base nessas lições, essa revisão bibliográfica busca propor recomendações para a melhoria da doutrina de carros de combate brasileira em ambientes urbanos, identificando pontos fortes e fracos e discutindo possíveis estratégias para aprimorá-la. Os resultados da pesquisa indicam que as lições aprendidas pela Rússia durante a Batalha de Grozny têm grande relevância para a doutrina de carros de combate brasileira, especialmente em ambientes urbanos. Alguns dos principais aprendizados incluem a importância da coordenação entre as unidades, a necessidade de adaptação a cenários complexos e a importância do treinamento e da experiência em combate. Ao final, o presente trabalho destaca a importância de continuar aprimorando a doutrina de carros de combate brasileira em ambientes urbanos, para que a Força Terrestre possa estar preparado para lidar com situações complexas e desafiadoras, como as enfrentadas pelos russos em Grozny.

Palavras-chave: Batalha de Grozny, Carros de Combate, Áreas Edificadas, Lições Aprendidas.

ABSTRACT

LESSONS LEARNED FROM THE BATTLE FOR GROZNY FROM DECEMBER 11 1994 TO JANUARY 1° 1995 FOR THE BRAZILIAN TANKS DOCTRINE

AUTHOR: Josafá Rodrigues da Rocha
ADVISOR: Flavio Henrique Pereira Valério

This work aims to analyze the lessons learned by the Russian Army during the Battle for Grozny and how they can be applied to the Brazilian tank doctrine, especially in urban environments. The protagonists of the conflict were the Russian and Chechen forces, who fought fiercely for the control of Grozny, the capital of Chechnya. Grozny was particularly important in the development of armored doctrine, as it provided an important axis on urban warfare. During the battle, the Russian army faced an unexpected challenge and strong resistance from the Chechen guerrillas. This introduced new techniques, tactics, and combat procedures emphasizing a more cautious and adaptive approach. The work was developed based on a bibliographic and documentary review of the Battle for Grozny, the Russian and Brazilian tank doctrines, as well as other relevant sources. The study covered the analysis of the lessons learned by the Russians in the battle, highlighting the use of tanks in urban environments and the challenges faced. Based on these lessons, this bibliographic review seeks to propose recommendations for improving the Brazilian tank doctrine in urban environments, identifying strengths and weaknesses and discussing possible strategies to improve it. The research results indicate that the lessons learned by Russia during the Battle for Grozny are highly relevant to Brazilian tank doctrine, especially in urban environments. Some of the main takeaways include the importance of coordination between units, the need to adapt to complex scenarios, and the importance of training and combat experience. Finally, this work highlights the importance of continuing to improve the Brazilian tank doctrine in urban environments so that the Army can be prepared to deal with complex and challenging situations, as faced by the Russians in Grozny.

Keywords: Battle for Grozny, Tanks, Urban Warfare, Lessons Learned.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

MVD	Ministério de Assuntos Internos Russo
VBTP	Viatura Blindada de Transporte de Pessoal
CC	Carros de Combate
AC	Anti-Carro
Bda	Brigada
TTP	Táticas, Técnicas e Procedimentos
ICMN	Início do Crepúsculo Matutino Náutico
FT	Força Tarefa
CIOU	Centro de Instrução de Operações Urbanas
CIBld	Centro de Instrução de Blindados

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 OBJETIVOS	11
1.1.1 Objetivo Geral.....	12
1.1.2 Objetivos Específicos.....	12
2 REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1 ASPECTO GERAL DA BATALHA DE GROZNY	13
2.2 EMPREGO DOS CARROS DE COMBATE RUSSOS NA BATALHA	15
2.3 A DOCTRINA BRASILEIRA À ÉPOCA DO CONFLITO	16
2.4 A DOCTRINA BRASILEIRA ATUAL	19
3 REFERENCIAL METODOLÓGICO	22
3.1 TIPO DE PESQUISA.....	22
3.2 MÉTODOS	22
4 RESULTADO E DISCUSSÃO.....	23
4.1 LIÇÕES APRENDIDAS PELOS RUSSOS.....	23
4.2 APLICAÇÃO À DOCTRINA BRASILEIRA	24
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26

1 INTRODUÇÃO

A Guerra da Chechênia foi um conflito bélico ocorrido entre os anos de 1994 e 1996 entre Rússia e a República da Chechênia em razão de sua então recém proclamada independência no ano de 1991. A tentativa russa de conquistar a capital Chechena levou a uma das mais emblemáticas batalhas no contexto de blindados em ambientes urbanos e, apesar da vitória, as tropas russas protagonizaram um fiasco para o mundo. A Batalha de Grozny possibilitou a modernização da doutrina russa em razão das diversas lições aprendidas a respeito dos conflitos urbanos, razão pela qual é uma das batalhas mais simbólicas dos conflitos modernos.

Desta forma, cabe observar que as dificuldades enfrentadas pelas forças russas levaram a mudanças doutrinárias não só para os russos, mas também para diversos exércitos que tiveram na batalha uma fonte moderna de estudo das consequências do emprego errôneo de carros de combate em conflitos urbanos. É oportuno esclarecer: o Exército Brasileiro modernizou sua doutrina de emprego de carros de combate em ambientes urbanos nos últimos anos? As lições aprendidas pelas forças russas podem ser aplicadas às técnicas, táticas e procedimentos do emprego de carros de combate brasileiro no que tange conflitos urbanos?

Com base nestes questionamentos, este trabalho busca em um primeiro momento entender quais as melhores práticas observadas pelo exército russo a respeito do emprego de seus carros de combate na Batalha de Grozny, e em segundo momento entender quais dessas práticas podem ser absorvidas pela doutrina brasileira.

Esta pesquisa justifica-se pela necessidade do Exército Brasileiro de estar sempre atualizado em sua doutrina e pronto para ser empregado, em especial no contexto do século XXI em que as grandes batalhas de manobra em áreas abertas se tornaram raras e migraram para dentro das cidades. Pois como diria Ruy Barbosa: “O Exército pode passar cem anos sem ser usado, mas não pode passar um minuto sem estar preparado”.

1.1 OBJETIVOS

Os objetivos do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) serão divididos da seguinte maneira:

1.1.1 Objetivo Geral

Analisar à luz da doutrina do Exército Brasileiro as lições aprendidas pelo Exército Russo na Batalha de Grozny e sua aplicabilidade.

1.1.2 Objetivos Específicos

Descrever sumariamente a Batalha de Grozny;

Analisar a doutrina de Carros de Combate russa empregada;

Descrever as lições aprendidas pelo Exército Russo em Grozny;

Analisar a doutrina de Carros de Combate em ambientes urbanos brasileira;

Estudar a aplicabilidade das lições aprendidas para a doutrina brasileira.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 ASPECTO GERAL DA BATALHA DE GROZNY

De acordo com Faurby e Magnusson (1999, p. 76), o governo russo possuía um plano de 4 fases para conquistar a Chechênia que consistia em: isolar o espaço aéreo e cercar a república enquanto por terra as forças marchariam em direção a Grozny por noroeste, oeste e leste, deixando um espaço para as forças chechenas retraírem por sul; Ocupar o palácio presidencial e edifícios governamentais, estações de rádio e outros edifícios considerados importantes; Empurrar as forças do presidente checheno Dzhokhar Dudayev para as colinas do sudeste e implantar um governo pró-Rússia nas áreas liberadas e; Eliminar redutos de resistência nas colinas a sudeste.

Os chechenos por sua vez, planejavam evitar confrontos diretos com as forças russas e realizar emboscadas em florestas e terrenos montanhosos principalmente contra a retaguarda da tropa invasora e as forças do Ministério dos Assuntos Internos russo (MVD) com o intuito de ganhar tempo para a defesa da capital Grozny onde planejavam um confronto decisivo.

A força russa inicial era de aproximadamente 19.000 homens do exército russo e 4.700 do MVD, totalizando cerca de 23.800 homens, além de 80 carros de combate, 208 viaturas blindadas de transporte de pessoal (VBTP) e 182 peças de artilharia. Mas ao longo das semanas os reforços russos chegaram a compor 58.000 militares (FAURBY; MAGNUSSON, 1999, p. 77). As forças armadas chechenas eram compostas majoritariamente por forças irregulares e algumas poucas forças regulares e em sua maioria já haviam servido nas forças armadas russas, o que os permitia entender as táticas e planos usados. A maior parte do equipamento que possuíam havia sido deixado pelas forças armadas russas quando partiram da Chechênia em 1993 (THOMAS, 1999, p. 88). Segundo Faurby e Magnusson (1999, p.77), havia apenas uma unidade de carros de combate composta por cerca de 15 carros dos modelos T-54 e T-62.

Apesar da aparente superioridade russa, diversos problemas atingiam a operacionalidade da tropa:

As forças armadas russas que atacaram Grozny, apesar de bem equipadas, não eram a mesma força profissional que fez oposição ao ocidente durante a Guerra Fria. O Ministro de Defesa russo Pavel Grachev, em uma diretiva ultra secreta, listou alguns dos problemas de suas forças armadas apenas dez dias antes do início da guerra. Ele notou que a capacidade de combate das forças armadas estava baixa, o nível de prontidão para mobilização estava ruim e a capacidade de planejamento operacional

estava inadequada. Os soldados estavam pessimamente treinados. Os índices de suicídios, bem como a quantidade de crimes dentro da força estavam altos (THOMAS, 1999, p. 88, tradução nossa).¹

De acordo com Jenkinson (2002, p. 44-46), no dia 11 de dezembro a Rússia iniciou a primeira fase com uma ofensiva em 3 eixos com o intuito de isolar a cidade de Grozny em três dias. As colunas de blindados russos, no entanto, eram continuamente paradas por protestos civis que logo evoluíram para um conflito armado e 68 carros de combate das forças que avançavam pelo eixo oeste foram destruídos. No eixo leste 59 soldados russos foram feitos prisioneiros e entre eles um general. Apenas o eixo norte foi capaz de chegar perto de Grozny, mas também foi parada a 25 km da capital chechena. A fase 1 passou de três dias para duas semanas

No dia 26 de dezembro, deu-se início à segunda fase de invasão e consolidação da capital. As forças russas avançaram sem muitos problemas até o dia 30 quando o Ministro da Defesa russo deu uma conferência de imprensa dizendo que o primeiro estágio do assalto estava completo. Apenas no dia 31, o Ministro Grachev deu ordem para assaltar Grozny com uma mudança drástica no plano: O Exército deveria assaltar sem o apoio das tropas do MVD, ficando desprotegidos. Assim que entraram em Grozny, as forças do eixo leste e oeste foram emboscadas e em algumas horas, destruídas. As forças do eixo norte pareciam estar obtendo êxito, mas foram surpreendidos por uma contra ofensiva chechena, e sem o apoio dos eixos leste e oeste foram cercados (JENKINSON, 2002, p. 50-58).

Na manhã do dia 1 de janeiro de 1995, os chechenos deram fim à primeira fase da batalha por Grozny deixando para os russos 1000 soldados mortos, 84 capturados e mais de 200 blindados destruídos. As forças russas viriam a fazer uma nova ofensiva posteriormente, obtendo sucesso em 13 de fevereiro de 1995 (JENKINSON, 2002, p. 58).

¹ The Russian armed forces that attacked Grozny, while well-equipped, were not the same professional force that opposed the West during the Cold War. Russian Minister of Defense Pavel Grachev, in a top-secret directive, listed some of the problems of his armed forces just ten days before the start of the war. He noted that the combat capabilities of the armed forces were low, the level of mobilization readiness was poor, and the operational planning capability was inadequate. Soldiers were poorly trained. Their suicide rates as well as the overall number of crimes in the force were up.

2.2 EMPREGO DOS CARROS DE COMBATE RUSSOS NA BATALHA

De acordo com a doutrina russa, o combate no interior de localidades deveria ser evitado ou, se necessário, as cidades deveriam ser conquistadas pela manobra com extrema velocidade. Porém, caso houvesse uma forte defesa na área edificada, deveria ser empregado um ataque simultâneo pelos flancos e retaguarda ininterruptamente, até que o outro lado fosse alcançado ou uma operação de junção com as tropas no sentido oposto fosse realizada (SCHARFEN et al., 1975, p. 68).

Segundo a doutrina soviética, as unidades de carros de combate deveriam sempre estar ligadas a um pelotão de infantaria mecanizado e até mesmo carros individualmente deveriam estar ligados a um pelotão de infantaria mecanizado e a menor fração para emprego dos carros é de um pelotão. No entanto, o uso em seções também seria possível com os carros ocupando lados opostos de uma via e realizando segurança mútua com o apoio da infantaria desembarcada para segurança aproximada. Em casos onde a resistência inimiga fosse baixa, os carros abririam caminho pelo fogo para a infantaria mecanizada de forma a avançar rapidamente pela localidade, alcançar objetivos importantes e cercá-los para um posterior assalto da infantaria desembarcada (SCHARFEN et al., 1975, p. 135-139). É possível perceber que de acordo com a doutrina soviética, a infantaria é de vital importância para o emprego dos carros de combate em ambientes urbanos em razão do curto alcance dos confrontos.

Via de regra, os combates em uma cidade são aproximados e por isso os armamentos da infantaria mecanizada, como metralhadoras, sub metralhadoras, lançadores de granadas e granadas de mão terão um papel vital em infligir danos ao inimigo. (SCHARFEN et al., 1975, p. 140, tradução nossa)²

Segundo Voronov (2014, p. 5), os grupos de assalto para a Guerra da Chechênia deveriam ser compostos da seguinte forma: 8 a 12 homens a pé iriam à frente como um grupo de reconhecimento com a missão de encontrar posições de tiro inimigas escondidas para que a força principal destruísse. Eles seriam seguidos por dois carros de combate e um pouco mais afastado por uma VBTP. Na sequência viriam de 40 a 60 soldados de infantaria para prover proteção aproximada das viaturas blindadas, seguidos por veículos de transporte, uma ambulância e outra VBTP.

² Combat action in a city, as a rule, is conducted at close range and therefore the weapons of motorized rifle such as machine guns, submachine guns, grenade launchers, and hand grenades will play an important role in inflicting damage on the enemy

Caso em uma rua fosse oferecida uma resistência fraca por parte dos defensores, a infantaria montada nos carros de combate ou embarcada nas VBTP deveria atravessar o mais rápido possível realizando fogo em movimento para conquistar o próximo objetivo.

Podemos observar que a antiga doutrina soviética se baseava em avançar rapidamente dentro das cidades com o intuito de cercar edifícios do governo e outros objetivos importantes, essa doutrina já havia os levado a diversas vitórias. No entanto, como diz Grau:

As táticas urbanas soviéticas foram criadas para complementar operações ofensivas rápidas de larga escala no território de um país estrangeiro. Cidades não defendidas seriam capturadas pela manobra. Cidades defendidas seriam desbordadas. Os inimigos eram soldados profissionais que não tinham interesse em participar da destruição de suas próprias cidades e prefeririam declarar a cidade aberta ao invés de vê-la reduzida a ruínas. (1995, p.1, tradução nossa)³

Em Grozny, os russos encontraram forças irregulares dispostas a defender sua cidade da ofensiva russa e tinham seus interesses políticos fortalecidos na destruição das cidades do território da antiga união soviética, tornando sua doutrina obsoleta.

2.3 A DOUTRINA BRASILEIRA À ÉPOCA DO CONFLITO

A doutrina brasileira de operações em áreas edificadas à época do conflito se baseava principalmente nos manuais C 31-50 Combate em Zonas Fortificadas e Edificadas de 1975, que devido à sua baixíssima difusão não foi possível encontrar para realização deste trabalho, e no caso dos blindados, C 17-1 Emprego de Blindados, também de 1975.

De acordo com o manual C 17-1 (BRASIL, 1975), as unidades blindadas deveriam normalmente desbordar as áreas edificadas tendo em vista que o combate nessas regiões é caracterizado pelo combate de casa em casa e restrição no espaço de manobra e campos de tiro, além da extrema dificuldade de coordenação e controle. As ações são predominantemente executadas pelos fuzileiros.

As construções de uma cidade típica são divididas em três categorias: os subúrbios, as residências dos bairros e o centro.

³ Soviet urban tactics were designed to complement large-scale high-tempo offensive operations on the territory of a foreign country. undefended enemy cities would be captured from the march. Defended cities would be bypassed. The enemy was a foreign professional soldier who had no desire to participate in the destruction of his own cities and would prefer declaring an open city instead of seeing it reduced to rubble.

Os arrabaldes ou subúrbios são caracterizados por algumas poucas casas isoladas e muitos campos e lotes vagos e por isso o plano de ataque é semelhante ao de um terreno normal.

Nas residências dos bairros as construções são mais próximas e normalmente flanqueadas por ruas de um lado e jardins do outro. É necessário que haja uma modificação na forma de combate de forma a se adequar à densidade dos edifícios, porém as técnicas básicas permanecem as mesmas.

O centro de uma localidade, por outro lado, consiste em edifícios de vários andares com pouco ou nenhum espaço entre eles, com exceção de ruas, avenidas e praças. Nessas circunstâncias, é necessário o combate de edifício em edifício e de bloco em bloco. É nessa parte que são empregadas as diferenças básicas nas TTP do combate.

Aindas segundo o Manual C 17-1 (BRASIL, 1975), o ataque à uma área edificada é dividido em três fases:

A primeira fase consiste no isolamento da cidade e conquista de acidentes capitais que dominam as vias de acesso ao seu interior. Nesta fase o atacante conquista posições fora das áreas construídas para dar suporte à investida da localidade e as TTP utilizadas são as de um ataque comum.

A segunda fase é o avanço para a orla anterior da localidade e conquista de uma base para o investimento com o intuito de eliminar a observação terrestre e os fogos diretos do defensor para se aproximar da área construída. A base é utilizada para reorganização, descentralização do controle e deslocamento das armas para as posições de tiro de onde possam continuar apoiando o ataque. Todo o apoio de fogo disponível é concentrado em uma frente estreita e os Carros de Combate vão à frente para iniciar o investimento. É importante que o assalto se inicie antes do ICMN ou coberto por fumaça para que a pouca visibilidade apoie o deslocamento da tropa atacante. Para que a frente seja estreita, deve-se adotar uma formação em coluna para a Força-Tarefa, mesmo que as subunidades não estejam necessariamente em coluna. A formação deve ser escolhida de forma que permita o maior poder de fogo possível no ponto da penetração. Devem ser empregados tiro de tempo da artilharia em pontos previamente estabelecidos para evitar a interferência de carros de combate e armas AC inimigas. Os fuzileiros devem permanecer embarcados até o mais próximo possível do objetivo a menos que a área seja fortemente defendida, neste caso, os fuzileiros deverão desembarcar para apoiar o assalto e realizar a proteção aproximada dos Carros de Combate. As esquadras podem ser designadas para operar com um Carro de Combate específico. Quando estiverem

desembarcados, os fuzileiros deverão permanecer à retaguarda do CC em proveito do qual trabalham de maneira que não cubram seus fogos e possam se proteger de fogos diretos de CC inimigo. Quando for necessário aos fuzileiros a pé manobrar para engajar resistências que detenham o avanço, os CC apoiam pelo fogo e movem-se para a frente o mais cedo possível. As VBTP devem seguir à retaguarda dos fuzileiros o mais próximo possível e sempre que possível abrem fogo para cobrir áreas críticas nos flancos.

A terceira e última fase inicia logo após a segunda fase sem interrupção e varia de acordo com a sistemática da redução da área edificada.

Caso a área seja ampla e fortificada, ou a missão exija uma limpeza completa das forças inimigas, uma operação de limpeza é executada, de casa em casa ou de bloco em bloco. A Área deve ser dividida em zonas de ação de FT Subunidade e cada elemento deve limpar completamente sua zona de ação.

Em caso da área construída ser pequena ou levemente defendida, a força atacante se dirigirá através ou ao interior da localidade o mais rápido possível com os CC à testa da coluna de marcha, seguidos e apoiados de perto pelos fuzileiros. As armas automáticas dos CC e das VBTP devem atirar continuamente e concentram nas janelas e telhados dos edifícios. Os fuzileiros apenas desembarcam caso sejam forçados para proteger os Carros de Combate das armas AC individuais ou de longo alcance do inimigo ou para remover obstáculos e barricadas que parem o avanço dos carros. Caso seja necessário desembarcar, cada esquadra de fuzileiros deve se mover ao longo de um lado da rua e aproximada do CC que lidera o movimento. A depender da resistência encontrada, as esquadras podem reconhecer cada janela ou passagem com o lançamento de granadas de mão ou atirando para dentro delas com armas portáteis. Devem ser designados homens para localizar e atirar em alvos em janelas de andares superiores ou andares térreos dos edifícios do outro lado da rua. Os CC à testa do dispositivo devem concentrar seu fogo nos possíveis alvos mais a frente na rua. Os becos e ruas laterais são excelentes corredores de fogo para o inimigo e para serem cruzados os fuzileiros devem observar e colocar suas metralhadoras em cada esquina atirando em ambas as direções. Em caso de uma grave ameaça AC nos flancos da coluna, um ou mais CC juntamente com uma esquadra de fuzileiros e sua VBTP podem ser destacados para interceptar ao longo do caminho e devem permanecer na posição até que toda a força ultrapasse.

Segundo o C 17-1, no combate de rua os fuzileiros são responsáveis pela designação de alvos para os CC; neutralização das armas AC inimigas; assalto das posições e limpeza dos

edifícios sob a proteção dos fogos dos Carros de Combate; proteção dos CC das medidas individuais AC e; realização da segurança e defesa da área após a limpeza. (BRASIL, 1975)

Por outro lado, os CC têm a responsabilidade de neutralizar as posições inimigas pelo fogo das metralhadoras para permitir o avanço e destruição por parte dos fuzileiros; destruir os pontos fortes; destruir as barricadas encontradas nas ruas, forçar a entrada no interior dos edifícios quando estiverem bloqueados por obstáculos ou fogo inimigo, facilitando a atuação dos fuzileiros em seu interior; engajar alvos designados pelos fuzileiros e; erguer barricadas. (BRASIL, 1975)

Na FT Subunidade, o pelotão CC se organiza da seguinte forma: dois carros avançam liderando os fuzileiros e os remanescentes apoiam estes atirando por sobre eles e em seus flancos e pelo menos uma esquadra de fuzileiros deve permanecer com esses carros para fazer a proteção aproximada. Torres, chaminés e outras construções parecidas devem ser prontamente destruídas pois podem abrigar Observadores da artilharia inimiga. Os Carros de Combate não devem fazer alto e nem se mover lentamente próximo a edifícios ainda não conquistados pois podem ser alvos de explosivos e inflamáveis e não devem se deslocar isoladamente. (BRASIL, 1975)

Os CC se deslocam perto dos edifícios ou do lado da rua mantida pelas tropas amigas para cobrir o lado oposto com fogos, atirando em qualquer coisa suspeita. Além disso, todos os membros da guarnição devem estar atentos aos sinais dos fuzileiros nas casas em cada flanco e os comandantes devem manter suas armas pessoais e granadas em pronto emprego para a defesa aproximada.

2.4 A DOCTRINA BRASILEIRA ATUAL

De acordo com o manual de campanha EB70-MC-10.303 Operações em Áreas Edificadas (BRASIL, 2018), em áreas edificadas os carros de combate devem ser empregados em Forças-Tarefas juntamente com os fuzileiros blindados de maneira a aumentar as possibilidades e diminuir as limitações de ambas as tropas.

Ainda segundo o manual de campanha EB70-MC-10.303 (BRASIL, 2018), os CC são utilizados para neutralizar as posições inimigas pelo fogo e permitir aos fuzileiros cerrar sobre o objetivo para o destruir. Além disso, os carros têm capacidade de abrir pontos de entrada em

edifícios, isolar objetivos conquistados nas áreas construídas, destruir obstáculos para a tropa a pé, desobstruir vias e realizar fogo contra outros blindados.

É importante que haja uma comunicação entre as guarnições embarcadas dos CC e as guarnições de fuzileiros desembarcados, e marcadores para identificar as edificações já conquistadas pela tropa a pé. (BRASIL, 2018)

De acordo com o manual brasileiro, os carros de combate podem ser empregados nas três fases em que se divide o ataque em áreas urbanas: o isolamento, conquista de área de apoio na periferia e progressão no interior da área edificada. (BRASIL, 2018)

Na fase do isolamento os CC são empregados fora da área edificada e realizam a segurança das principais avenidas que conduzem à localidade para prevenir a chegada de reforços inimigos. Na segunda fase, permanecem fora da área construída e apoiam pelo fogo dos canhões o assalto às primeiras edificações. A terceira fase se subdivide em investimento seletivo e investimento sistemático. O primeiro método consiste em priorizar o tempo para conquistar acidentes capitais na área edificada ou aproveitar uma fraqueza na defesa do inimigo, bastante parecido com a doutrina utilizada pelos russos, porém é importante que haja dois eixos de aproximação alternativos para que não haja interrupção do movimento como no caso russo. Esse método exige velocidade e poder de fogo, ponto forte dos carros de combate. O método sistemático é mais seguro e consiste no avanço casa a casa da tropa a pé para designação de alvos e limpeza das edificações, em especial armas anticarro. Nesse método, as viaturas blindadas se tornam vulneráveis ao emprego de armas AC inimigas e por isso, o apoio da tropa a pé como apoio mútuo é de fundamental importância (BRASIL, 2018). Além disso, a tropa a pé ajuda a diminuir a limitação dos campos de observação dos carros de combate em andares muito altos ou em partes inferiores dos edifícios que se encontram mais próximos e deve defender os carros de armas AC. (BRASIL, 2018)

De acordo com o Manual de Campanha EB70-MC-10.303 (BRASIL, 2018), os carros de combate devem avançar prioritariamente à frente dos fuzileiros de quartirão em quartirão para que a tropa a pé realize a limpeza das edificações e a uma distância que permita o apoio mútuo de forma a não serem abatidos pelas armas AC inimigas. De acordo com o manual, os CC devem ser empregados em seções e direcionar seus tiros para as áreas mais baixas enquanto os fuzileiros realizam a segurança das áreas mais elevadas. Caso os fuzileiros avancem à frente dos carros, devem priorizar progredir por dentro das instalações para liberar a via para o fogo dos blindados que priorizarão posições elevadas.

3 REFERENCIAL METODOLÓGICO

3.1 TIPO DE PESQUISA

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica em artigos científicos, revistas e sites, nacionais e internacionais, para coletar as informações referentes ao emprego dos blindados russo na batalha em questão, bem como documental, em manuais técnicos e cadernos de instrução, para as informações relativas à doutrina brasileira de emprego dos blindados em conflitos urbanos.

Essas informações foram compiladas através de fichamentos e analisadas de acordo com os objetivos propostos, a fim de delimitar as informações obtidas.

Em seguida os dados foram comparados, buscando atingir o objetivo deste trabalho, verificando as lições que podem ser adequadas à doutrina brasileira.

Em relação à profundidade, foi realizada uma pesquisa explicativa com o intuito de verificar as razões pelas quais a Rússia e seu exército fracassaram em seu objetivo de conquistar Grozny e como isso pode influenciar a doutrina brasileira.

Foi empregada a abordagem qualitativa restringindo os eventos complexos da Guerra da Chechênia ao espaço-tempo delimitados pela pesquisa e analisando a interação entre as variáveis Exército Russo, Exército Checheno e Área Edificada de maneira a contribuir com o processo de mudança da doutrina brasileira.

A fim de testar a hipótese foram realizadas revisões bibliográficas com os subtemas Carros de Combate, Áreas Edificadas e Batalha de Grozny, através de jornais, revistas, artigos científicos e monografias nacionais e internacionais.

3.2 MÉTODOS

O método utilizado para a pesquisa foi o indutivo com base no estudo de caso da 1ª Batalha de Grozny na qual as forças russas sofreram pesadas baixas e precisaram corrigir seus procedimentos para obter sucesso. Essas correções são igualmente importantes para a doutrina brasileira no emprego de carros de combate em áreas edificadas.

4 RESULTADO E DISCUSSÃO

4.1 LIÇÕES APRENDIDAS PELOS RUSSOS

Um dos primeiros ensinamentos tirados pelos russos foi o de que sua doutrina de rápidas investidas em cidades defendidas era injustificada e ineficiente. Diversas vezes os chechenos deixavam de oferecer resistência para que as forças russas avançassem rapidamente e fossem surpreendidas por uma emboscada como no caso da 131a Bda. As forças russas logo entenderam que deveriam substituir seus rápidos avanços por avanços metódicos conquistando um edifício por vez e impedindo que esse fosse reocupado posteriormente. Os responsáveis pelo planejamento russo estabeleceram 4 passos para o andamento do combate urbano contemporâneo:

- 1) Todas as vias de acesso para a cidade devem ser seladas enquanto é realizado um reconhecimento detalhado.
- 2) Instalações e edifícios chave nos arredores da cidade devem ser tomados uma vez que a artilharia tenha suprimido os defensores e posições de ataque tenham sido ocupadas.
- 3) Os setores residencial, industrial e central da cidade devem ser tomados sucessivamente.
- 4) Unidades inimigas encurraladas devem ser eliminadas, minas terrestres retiradas, armamentos recolhidos e deve ser estabelecido controle militar e toque de recolher.

Esses passos sugerem que ao planejar, seja dada particular atenção às instalações industriais nos arredores da cidade, pois essas instalações possuem grande número de muros e passagens e salas subterrâneas, que favorecem redutos de resistência e por isso devem ser tomadas antes de atacar a cidade.

Dentro da cidade, quem ataca deve atentar para carros de combate defensores e armas anticarro (AC) nas quinas de edifícios e em brechas e buracos nas paredes, Infantaria desembarcada em qualquer piso dos edifícios e caçadores e observadores avançados em prédios altos, sótãos e torres.

As colunas de carros de combate deveriam entrar nas cidades na formação de espinha de peixe (primeiro carro à direita, o segundo à esquerda e assim alternadamente), porém em Grozny, a ameaça promovida pela grande quantidade de armas anticarro e a incapacidade dos carros russos de engajar alvos em andares muito altos ou nos porões dos edifícios tornou essa formação um problema. Os russos passaram então a utilizar os carros para assegurar áreas conquistadas, ou como força de reserva ou para realizar a segurança de áreas de retaguarda enquanto apoiavam o avanço da infantaria pelo fogo fora do alcance das armas AC inimigas.

A falta de treinamento específico para guerras urbanas mostrou-se um problema, pois os comandantes das pequenas frações não estavam acostumados com a tomada de decisão e

planejamento e as guarnições com o monitoramento e engajamento do campo de batalha complexo das cidades.

4.2 APLICAÇÃO À DOCTRINA BRASILEIRA

As semelhanças evidentes entre a doutrina brasileira no período anterior e posterior à guerra, nos mostra que não houve grandes evoluções ou estudos a respeito desse assunto por parte do Exército Brasileiro apesar dos muitos erros cometidos pelos russos e conseqüentemente muitos aprendizados.

O comando militar russo corrigiu diversas condutas através das lições aprendidas na primeira investida russa sobre Grozny a fim de aperfeiçoar suas técnicas, táticas e procedimentos para a Segunda Guerra da Chechênia. Essas boas práticas podem ser incluídas na doutrina brasileira para a evolução do emprego da força-tarefa subunidade blindada no investimento a uma localidade.

O uso de RPGs em operações militares em ambientes urbanos é comum, tanto em áreas acima quanto abaixo do solo. É importante obter informações precisas sobre a posição de armas anti-carro e dispositivos aéreos para detectar e neutralizar ameaças, além de utilizar fuzileiros desembarcados para limpar os objetivos antes do avanço de veículos blindados.

A coordenação de fogos para o uso da artilharia amiga deve ser cautelosa para evitar que os fogos indiretos prejudiquem a progressão da tropa atacante. É possível neutralizar os elementos do combate vertical que impossibilitam o movimento russo por meio da distribuição coordenada do apoio de fogo. A doutrina brasileira pode se beneficiar da integração das funções de combate em planejamentos nível subunidade.

Outra observação importante, é que as cartas devem ser atualizadas e detalhadas. Os sistemas de georreferenciamento também se mostraram bastante eficazes nesses casos.

A falta de coordenação entre o desembarque e a atuação dos fuzileiros em relação aos carros de combate permitiu que os portadores de RPGs destruíssem a maioria dos blindados inimigos simultaneamente ao emprego dos caçadores sobre os fuzileiros. A presença de tropas de natureza diferente em uma força-tarefa exige apoio mútuo, que é um fator preponderante para o sucesso nas operações.

É possível observar que entre os manuais anteriores à Guerra da Chechênia como é o caso do C 17-1 Emprego de Blindados de 1975 e os manuais mais atuais como o EB70-MC-

10.303 Operações em Áreas Edificadas poucas coisas foram alteradas nas TTP dos Carros de Combate e FT Blindadas, evidenciando que não houve um bom aproveitamento das lições aprendidas pelo Exército Russo.

Todos os pontos abordados neste capítulo são pouco ou não são aprofundados nos manuais brasileiros que tratam sobre o emprego dos Carros de Combate nas áreas edificadas e são importantes oportunidades de melhoria retiradas das lições aprendidas em Grozny.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A doutrina de operações em ambientes urbanos brasileira ainda é bastante recente, foram poucas as oportunidades que o Exército Brasileiro teve de empregá-la e por isso é

importante que seja constantemente revisada para aprimoramento e melhorias de forma a minimizar problemas em caso de necessidade.

É de extrema importância o treinamento e adestramento das tropas blindadas para esse tipo de operação e para isso é necessário que haja um Centro de Instrução voltado para esse adestramento ou um estudo sobre a questão por parte do CIOU.

Os manuais abordam muito pouco o método sistemático de assalto às localidades e como deve ser executado de forma que priorize as características das tropas blindadas, a saber, ação de choque, poder de fogo e alta mobilidade.

Apesar de não ter sido diretamente abordado neste trabalho, os manuais não detalham as medidas a serem adotadas pelos blindados em caso de ameaça aérea, que são por natureza um ponto fraco dos blindados e a falta de espaço para manobras evasivas torna ainda pior o cenário.

São necessários novos estudos por parte do CIBld a respeito da doutrina brasileira de emprego de blindados nas áreas edificadas de modo que seja possível diminuir as lacunas supracitadas nos manuais disponíveis e para que a capacidade de prontidão do Exército Brasileiro seja incrementada.

REFERÊNCIAS

____. ____ **EB70-MC-10.303**: Operação em áreas edificadas. Brasília: Gráfica do Exército, 2018b.

____. ____ **C 17-1**: Emprego de blindados. Brasília: Gráfica do Exército, 1975.

Faurby, I; Magnusson, M. The battle(s) of Grozny. **Baltic Defense Review 1999**. v. 2, p. 1- 13, 1999.

Grau, L. W. Russian Urban Tactics Lessons from the battle for Grozny. **Institute for National Strategic Studies**. n. 38, p. 1-4, 1995.

Grau, L. W. Thomas; T. L. Russian Lessons Learned From the Battles For Grozny. **Marine Corps Gazette**. p. 1-8, 2000.

Jenkinson, B. C. Tactical Observations From The Grozny Combat Experience. **Faculty of the US Army Command and General Staff College**. p. 1-127, 2002.

Scharfen, J. C; Deane M. J. Soviet Tactical Doctrine For Urban Warfare. **Strategic Studies Center Stanford Research Institute**. p. 1-159, 1975.

Thomas, T. L. The Battle of Grozny: Deadly Classroom for Urban Combat. **The US Army War College Quarterly:Parameters**. v. 29, n. 2, p. 1-13, 1999.

Voronov, V. Tanks in Grozny. **The Henry Jackson Society**. p. 1-11, 2014.